



Outorga do Título de Professor Emérito a

Décio de Almeida Prado
Post Mortem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

**CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO
DE PROFESSOR EMÉRITO**

Prof. Dr. *Décio de Almeida Prado*
Post Mortem

SAUDAÇÃO PROFERIDA POR

Prof. Dr. *João Roberto Gomes de Faria*
“A CONSCIÊNCIA TEATRAL DE SÃO PAULO”

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Post Mortem: Prof. Dr. Décio de Almeida Prado.

São Paulo : SDI/FFLCH/USP, 2002.

18 p

Discursos por Benjamin Abdala Júnior, João Roberto Gomes de Faria e Rodrigo de Almeida Prado

ISBN 85-7506-087-2

1. Ensino superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Abdala Júnior, Benjamin II. Faria, João Roberto Gomes de II. Prado, Décio de Almeida IV. Série

CDD 378

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

Benjamin Abdala Júnior

DISCURSO DE SAUDAÇÃO 9

João Roberto Gomes de Faria

CONSIDERAÇÕES FINAIS 17

Rodrigo de Almeida Prado

APRESENTAÇÃO

Na qualidade de Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas desta Universidade, tenho a grata satisfação de encaminhar para publicação os textos relativos aos discursos proferidos, quando da outorga do título de Professor Emérito ao Prof. Dr. Décio de Almeida Prado.

Esta homenagem é justíssima, em face da obra crítica relativa ao teatro brasileiro, que o coloca entre os mais importantes especialistas do país, nessa área. Professor titular de Literatura Brasileira, Décio de Almeida Prado contribuiu decisivamente para a renovação dos estudos de teatro e formou numerosos docentes nessa especialização.

Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior
Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria
Docente do Departamento de Letras

Estamos reunidos nesta tarde para reverenciar a memória de um mestre e amigo querido, a quem não foi outorgado em vida o merecido título de Professor Emérito da Universidade de São Paulo. Se o faz agora, a Congregação desta Faculdade repara uma injustiça e inclui o nome de Décio de Almeida Prado entre os seus legítimos pares, ou seja, entre aqueles que nesta Universidade mais se distinguiram em seus campos de trabalho. Dele, o mínimo que se pode dizer é que foi o mais importante crítico teatral do país e o maior estudioso do teatro brasileiro.

O “Prof. Décio”, como era respeitosa e carinhosamente chamado pelos professores mais jovens, alunos e funcionários, foi fundamentalmente “um homem de teatro”, conforme, aliás, está no título de um livro dedicado à sua vida e obra, publicado em 1987 pela Editora da Universidade de São Paulo, para comemorar os seus oitenta anos. Se nos debruçarmos sobre sua longa carreira intelectual, de cerca de seis décadas, vamos encontrá-lo, muito jovem ainda, no final dos anos 30, envolvido com as primeiras tentativas teatrais de Alfredo Mesquita, lançando-se inclusive como ator amador no papel central da peça *Dona Branca*. Nessa mesma época, ligou-se também ao grupo amador do grêmio da Faculdade de Filosofia, que era dirigido pelo francês Georges Raeders, atuando em uma peça.

O interesse e o gosto pelo teatro, que já vinham de antes, por influência do pai, o médico Antonio de Almeida Prado, só aumentou com o passar do tempo. Para isso, contribuíram certamente as viagens que fez à França e aos Estados Unidos, em 1939 e 1941, respectivamente, nas quais aproveitou para ver muitos espetáculos de cunho moderno, que ainda não existiam no Brasil.

É preciso lembrar que Décio, nessa altura, fazia parte de um grupo de jovens intelectuais ligados à recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde estudou e se formou em Filosofia e Ciências Sociais. Esse grupo, que ficou conhecido como “geração *Clima*”, nasceu espontaneamente, reunindo rapazes e moças que tinham afinidades literárias e políticas, que gostavam de artes e filosofia, e que em determinado momento resolveram criar uma revista para exprimir o seu pensamento. Como a divisão do trabalho obedeceu às inclinações pessoais, ao gosto e ao conhecimento de cada um, a seção fixa de teatro coube a Décio, assim como a de literatura a Antonio Candido, a de cinema a Paulo Emílio Salles Gomes, a de artes plásticas a Lourival Gomes Machado, a de música a Antonio Branco Lefèvre, a de economia e direito a Roberto Pinto Souza e a de ciência a Marcelo Damy de Souza. Outros participantes do grupo, como Ruy Coelho e Gilda de Mello e Souza, colaboraram igualmente na revista *Clima*, que teve dezesseis números e circulou ente 1941 e 1944.

Hoje tudo isso é História. A importância da revista para aqueles jovens cheios de entusiasmo pelo trabalho intelectual foi extraordinária. Quase todos definiram o seu futuro profissional a partir daquela primeira experiência e se tornaram os mestres de mais de uma geração em seus respectivos campos do saber.

No caso de Décio, é curioso lembrar ainda que, fora do Brasil na ocasião, não participou da reunião em que as tarefas foram divididas. Mas ele aceitou de bom grado a incumbência: “prossegui, como colega obediente, no caminho que os meus amigos – amigos do coração, é verdade – haviam escolhido para mim, certamente me conhecendo melhor do que eu mesmo me conhecia”, escreveu, muitos anos depois. O que havia sido até então “divertimento artístico, hobby intelectual, atividade circunstancial e descompromissada”, tornou-se o centro das suas preocupações, definindo para sempre o rumo de sua vida.

É bem provável que nos tempos da revista *Clima*, o trabalho de reflexão e crítica não satisfizesse completamente o jovem Décio, que via o nosso teatro como uma espécie de primo pobre das outras artes, tal o seu estado de indigência e de atraso estético.

Empreendedor, talvez motivado pelo surgimento de grupos amadores no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde Alfredo Mesquita havia criado o Grupo de Teatro Experimental, ele decidiu abraçar também o trabalho prático. Em 1943, com Lourival Gomes Machado, criou o Grupo Universitário de Teatro, que dirigiu por cinco anos. Vale salientar que o teatro amador, na época, tornou-se um importante instrumento de luta pela modernização teatral, contrapondo-se às companhias profissionais, que faziam um teatro considerado anacrônico pelas gerações mais jovens. Não foram muitos os espetáculos realizados pelo Grupo Universitário de Teatro, mas a boa receptividade que tiveram no meio intelectual projetou ainda mais o nome de seu diretor, que já se tornara conhecido pelos artigos críticos publicados na revista *Clima*.

A dedicação, a seriedade e a competência com que Décio desempenhou a dupla tarefa de escrever sobre teatro e dirigir peças foram percebidas por Júlio de Mesquita Filho, que o convidou, em 1946, para assumir a coluna de crítica teatral do jornal *O Estado de S. Paulo*. Foram vinte e dois anos de trabalho, até 1968, e uma notável produção de textos críticos que registram o dia-a-dia de um dos períodos mais férteis da vida teatral brasileira. Tudo o que aconteceu de relevante mereceu a atenção do crítico, que reuniu uma substancial parte desse material em três livros: *Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno*, *Teatro em Progresso* e *Exercício Findo*.

As idéias teatrais de Décio formaram-se a partir do diálogo que manteve com o Modernismo. Já como crítico na revista *Clima* ou como Diretor do Grupo Universitário de Teatro ele lamentava que o teatro brasileiro estivesse tão atrasado não apenas em relação às conquistas e avanços que vira na França e nos Estados Unidos, mas também em relação às outras artes nacionais, como a poesia, o romance, a música, a pintura, a escultura, que se renovaram em seguida à Semana de Arte Moderna de 1922. Era preciso levar ao teatro o mesmo espírito renovador, atualizá-lo em termos estéticos, modificá-lo tanto no terreno da dramaturgia quanto do espetáculo. Tomar essa posição, que contrariava os interesses dos atores já consagrados e de suas companhias teatrais, foi um ato de coragem de Décio, que não transigiu jamais com o mau gosto no palco, com o espetáculo

comercial, com a baixa literatura dramática ou com o velho histrionismo. Como crítico, principalmente nos primeiros anos, ele esteve o tempo todo ao lado dos artistas jovens, dos grupos teatrais que abraçaram a causa da modernidade teatral, como o Teatro Brasileiro de Comédia, criado em 1948 pelo empresário Franco Zampari.

Na luta contra o “velho teatro” – o teatro baseado no vedetismo, sem diretor, sem respeito ao texto dramático, sem cenários, figurinos e iluminação adequados - Décio foi uma liderança incontestada. E embora tivesse muita consciência de que exprimia um ponto de vista pessoal ao escrever sobre uma determinada peça, sabia também que suas idéias em relação ao teatro moderno eram partilhadas por muitos. Daí ter afirmado, certa vez, que “a crítica não existe autonomamente, no vazio: tomada na sua totalidade, não passa de expressão de um grupo incomparavelmente maior, que inclui encenadores e intérpretes, cenógrafos e autores, todos que formam a consciência teatral da cidade”.

Os três livros de crítica de Décio demonstram cabalmente o papel que ele desempenhou entre 1946 e 1968: o de formador da consciência teatral da cidade de São Paulo. Por meio de textos escritos com clareza, sensibilidade, argumentos sólidos e inteligência, ele modernizou a crítica e estabeleceu um diálogo produtivo com autores dramáticos, encenadores, artistas e leitores comuns – o público em potencial -, oferecendo a todos um ponto de vista, uma idéia, um julgamento, um caminho, enfim, para se avaliar e melhorar o teatro que então se fazia. Para se ter uma idéia ainda melhor do significado dessa obra crítica, eis como um dos seus colegas na época, Miroel Silveira, a julgou: “Antes de Décio, a crítica teatral no Brasil tinha até um sentido anedótico. A gente que é da imprensa sabe. Quando na redação chegava um convite para uma estréia, a pergunta era aquela: Quem tem *smoking*? Isso porque as estréias se davam sempre no Teatro Municipal. Com o Décio, isso tomou uma feição completamente diferente. Pela primeira vez surgiu um fundamento estético, um fundamento filosófico, um fundamento histórico, um fundamento sociológico na crítica brasileira”.

A importância dos três livros de crítica de Décio já seria grande se nos dessem a conhecer apenas o pensamento crítico do autor ou um período da história recente do

teatro brasileiro. Mas há algo mais em suas páginas: elas nos ensinam que o exercício da crítica pode ser uma atividade superior, se feito com o devido senso ético. Machado de Assis já apontava, no século XIX, as qualidades que o crítico devia ter: ciência e consciência, sinceridade, coerência, independência, imparcialidade, tolerância, moderação e urbanidade na expressão e perseverança. No nosso tempo, foi Décio quem realizou esse “ideal do crítico”, conquistando o respeito e a admiração de toda a classe teatral.

Trabalhador incansável, o nosso homenageado desenvolveu uma série de outras atividades, no mesmo período em que foi crítico teatral. Por mais de dez anos, entre 1956 e 1967, dirigiu o “Suplemento Literário” d’*O Estado de S. Paulo*, sempre lembrado como modelo de jornalismo cultural, espaço onde começaram muitos intelectuais que hoje são luminares em suas áreas de atuação. Nesses anos Décio foi várias vezes Presidente da Comissão Estadual de Teatro e Presidente da Associação Paulista de Críticos Teatrais e conciliou todas as tarefas que tinha pela frente com o magistério. Foi Professor de Filosofia em alguns colégios de São Paulo e Professor de História do Teatro na Escola de Arte Dramática, de 1948 a 1963.

Foi com toda essa bagagem que Décio ingressou finalmente na Universidade de São Paulo, em 1966, como Professor de História do Teatro Brasileiro, junto à Área de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Pode-se dizer que começa aí uma nova fase de sua vida profissional. As exigências da Universidade eram outras, não exatamente incompatíveis com a militância jornalística, mas de natureza diversa. E o crítico teatral que havia se dedicado com tanto empenho a compreender e explicar o teatro brasileiro de seu tempo, voltou os olhos para o passado, para pesquisar e estudar o que ainda não se conhecia muito bem. Assim, ao escolher o assunto da tese de doutoramento que devia escrever, a trajetória artística de João Caetano, nosso maior ator do século XIX, Décio não ignorava as dificuldades que teria pela frente. Seria preciso mergulhar nas seções de obras raras das nossas bibliotecas, localizar peças de importância secundária, que João Caetano pôs em cena, contrapor as informações disparatadas e buscar a versão dos fatos mais próxima da verdade, para

compor um todo coerente. O resultado desse trabalho foi uma tese aprovada com distinção e louvor, publicada em livro com o título *João Caetano* e que é, hoje, um clássico da nossa historiografia teatral. Ao reconstituir a trajetória do famoso ator, de sua atuação como empresário dramático e do repertório de tragédias neoclássicas, melodramas e dramas românticos que o projetou no cenário nacional, o livro elucida todo o processo formativo do teatro brasileiro, no Romantismo, alargando substancialmente o conhecimento que se tinha do assunto até então.

Era possível, porém, ir mais fundo na pesquisa sobre João Caetano. Como o ator havia escrito dois manuais sobre a arte de representar, Décio resolveu estudá-los em sua tese de livre-docência, defendida em 1979. Também transformada em livro, com o título *João Caetano e a Arte do Ator*, a tese investiga profundamente as fontes francesas dos manuais e uma curiosa contradição: o ator que se tornou célebre pelos rompantes e exageros típicos do Romantismo, apregoava uma interpretação equilibrada, natural, vigiada sempre pela razão, como queria o pensamento neoclássico.

As pesquisas sobre o passado teatral brasileiro fizeram nascer ensaios primorosos, como os dedicados à peça *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, e à peça *O Demônio Familiar*, de José de Alencar. Ambos foram incluídos no livro *Teatro de Anchieta a Alencar*. O título já aponta o mergulho no passado mais remoto, nas origens do nosso teatro, apreendidas em estudos que dão conta dos tempos coloniais e das atividades mais constantes, a partir de 1808, com a chegada de D. João VI e da corte portuguesa ao Rio de Janeiro. Para dar seqüência aos temas e autores já abordados, Décio escreveu mais um livro, *O Drama Romântico Brasileiro*, centrado na dramaturgia do período. Se nos lembrarmos de que também a comédia brasileira do século XIX, em todas as suas formas, foi analisada no longo ensaio “A Comédia Brasileira (1860-1908)”, incluído no livro *Seres, Coisas, Lugares: Do Teatro ao Futebol*, concluiremos que a reunião de todos os textos escrita sobre o passado teatral brasileiro forma uma verdadeira história, que o próprio autor tratou de sintetizar em seu último livro: *História Concisa do Teatro Brasileiro: 1570-1908*.

O que desejo salientar é que esse conjunto de obras até aqui mencionadas nasceu das atividades de Décio como professor universitário. Ao contrário dos textos jornalísticos, escritos sob a impressão momentânea do espetáculo, o ensaio acadêmico nasce devagar, fruto de leituras demoradas, muita pesquisa e reflexão. Quase sempre, esse trabalho preliminar é apresentado aos alunos, em sala de aula, em cursos que se estendem por um semestre. No caso de Décio, é preciso ressaltar que a seriedade universitária não se sobrepôs jamais à leveza e elegância de estilo, características que trouxe da prática jornalística. A metodologia de análise textual, os postulados teóricos e a erudição são incorporados com naturalidade em seus ensaios e jamais são motivo para exercícios de contorcionismo no plano da expressão.

A extensa obra crítica de Décio apresenta ainda muitos outros títulos. Deixando de lado os artigos publicados em revistas e obras coletivas, vale destacar o brilhante ensaio dedicado ao ator Procópio Ferreira, publicado separadamente e depois incluído no livro *Peças, Pessoas, Personagens*, que traz também uma emocionada evocação de Cacilda Becker e, finalmente, o ensaio historiográfico *O Teatro Brasileiro Moderno*. Nesse livro, aproveitando-se do fato de ter acompanhado toda a evolução do nosso teatro entre 1930 e 1980, o autor realiza uma síntese interpretativa em que as análises e reflexões aparecem filtradas pelas suas experiências concretas de espectador. Quer dizer, o livro não resulta apenas de leituras e pesquisas, mas fundamentalmente de lembranças, vivências, configurando-se, portanto como um autêntico testemunho sobre cinquenta anos da história teatral brasileira.

Vista em conjunto, a obra crítica de Décio impressiona pelo volume e pela qualidade. Hoje ela é, seguramente, o ponto de partida de todos que queiram estudar o teatro brasileiro, tamanha a sua abrangência. Que a maior parte dela tenha nascido das atividades de docência e pesquisa na Universidade de São Paulo é motivo de orgulho e satisfação para os que foram seus colegas e alunos. Confesso que foi um privilégio assistir às suas aulas na graduação e pós-graduação, conviver com ele como orientando e aprendiz e mais tarde como amigo.

Se evoquei aqui o grande intelectual que foi Décio de Almeida Prado, até para demonstrar que foi professor emérito antes desta cerimônia, que apenas ratifica o que todos já sabíamos, não posso deixar de me referir também às suas qualidades humanas, que foram muitas. No livro *Décio de Almeida Prado: Um Homem de Teatro* há vários depoimentos de pessoas que privaram de sua amizade, de ex-alunos, artistas e intelectuais com quem ele manteve algum tipo de contato. Em todos há sempre um momento em que a memória flagra um gesto de solidariedade ou uma atitude generosa, em que o relato realça a integridade moral, a sinceridade, o senso de justiça, a serenidade, a coragem de tomar posições e defender princípios, tudo conformando um caráter superior.

Em nosso convívio de mais ou menos duas décadas, pude apreciar de perto todas essas qualidades de Décio e algumas outras. Por sorte, ele não foi, para mim, apenas o professor e pesquisador, o intelectual mais completo e preparado para me orientar nos estudos teatrais. Se conservei essa imagem dele, ligada aos primeiros tempos de minha vida profissional, a mais forte em minha memória é outra: a do amigo que me conquistou com seu bom-humor e inteligência, com seu jeito sereno e calmo, com sua generosidade e com sua deliciosa prosa.

No início desta saudação, disse que Décio foi fundamentalmente um homem de teatro. Permitam-me, pois, encerrar à maneira da comédia latina, pedindo aplausos não à modesta performance deste que vos fala, mas à grande personalidade que inspirou as suas palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradeço as gentis palavras do Prof. João Roberto. Ninguém melhor para falar sobre meu pai. Aluno brilhante, discípulo, sucessor e, principalmente, amigo, João Roberto deu a meu pai a alegria de perceber que seu trabalho teria continuidade dentro da Universidade.

“Lembro a figura do pai, do homem extremamente apegado aos seus, aos irmãos, aos sobrinhos, a quem servia às vezes de conselheiro, apesar de que essa esfera da vida familiar perde a sua parcela mais preciosa ao ser exposta ao público, porque para nós, para os seus filhos em particular, ele permanece, se não vivo, de certo modo presente, jamais tendo desaparecido de nossas conversas, para as quais continua a contribuir com os casos engraçados que sabia contar, com as suas observações espirituosamente exatas, com a sua habilidade de extrair de fatos comuns motivos inesperados de riso. Pode haver tristeza, mas não há saudosismo, apego mórbido ao que já passou, em nossas recordações. Ao contrário, a sua presença, ainda que feita apenas de alusões, atua sobre nós da maneira de sempre, como um centro irradiador de alegria e afetividade.”

Essas palavras que acabei de ler foram pronunciadas por meu pai há mais de 10 anos, em uma homenagem, também póstuma, a seu próprio pai, Antonio de Almeida Prado, antigo Reitor dessa Universidade. Faço minhas suas palavras. Muito obrigado.

Dr. Rodrigo de Almeida Prado

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a Décio de Almeida Prado – Post Mortem
<i>Editoração/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Informação
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros
<i>Diagramação</i>	Dorli Hiroko Yamaoka Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Revisão</i>	Lúcia Helena Ferreira
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	200 exemplares

